

LIBERDADE E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE

FREEDOM AND EDUCATION: JEAN-PAUL SARTRE CONTRIBUTIONS

PROF. DR. ROBIONE ANTÔNIO LANDIM¹

LUÍS ALBERTO DOS SANTOS²

Resumo

O presente estudo visa responder a seguinte questão: **como pensar a educação à luz da filosofia da liberdade?** Para tanto, nos guiaremos pela concepção da existência humana compreendida em O Ser e o Nada, segundo a qual o homem surge no mundo sem qualquer essência que possa defini-lo. E, assim, a liberdade constitui esse modo de ser. Mostraremos que a liberdade do para-si se revela nas situações nas quais se depara ao longo de sua vida. A partir desse pensamento filosófico, o sentido de educação que vem à lume é uma educação libertária, cuja proposta pedagógica consiste em conduzir o aluno para a consciência de sua condição, ser-livre. Evidenciaremos que nesse projeto pedagógico não há impedimentos para o exercício de sua liberdade. Ainda que encontre resistências ou mecanismos que velem a sua liberdade, essas não são capazes de tolher totalmente a sua condição de ser livre, pelo contrário, oferecem a oportunidade para o brotar originário da liberdade que lhe pertence.

Palavras-chave: Educação. Existencialismo. Liberdade. Sartre.

Abstract

The present study aims to answer the following question: how to think about education in the light of the freedom's philosophy? To do so, we will be guided by the conception of human existence understood in Being and Nothingness, according to which man appears in the world without any essence that can define him. And so freedom constitutes this way of being. We will show that the freedom of the for-itself is revealed in the situations in which it is faced throughout its life. From this philosophical thought, the meaning of education that comes to light is a libertarian education, whose pedagogical proposal is to lead the student to the awareness of his condition, to be free. Anyway, we will show that in this pedagogical project there are no impediments to the exercise of their freedom. Even if he encounters resistances or mechanisms that veil his freedom, these are not capable of totally hindering his condition of being free, on the contrary, they offer the opportunity for the original sprouting of the freedom that belongs to him.

Keywords: Education. Existentialism. Freedom. Sartre.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente no curso de Graduação em Filosofia do Centro Universitário – UniAcademia. E-mail: <ralandim@yahoo.com.br>.

² Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Academia – UniAcademia. E-mail: luisalbertosantoss15@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Liberdade e Educação: duas realidades que permeiam toda a existência humana. De acordo com a filosofia sartriana, o homem não nasce humano, pronto e acabado, mas se constitui humano ao longo da sua existência e de suas relações. Essa tarefa de se tornar o que somos também passa pela educação, cujo sentido aqui é empregado de forma ampla. Inclusive, é pela educação que o ser humano pode assumir cada vez mais a sua condição real de ser livre.

Diante da importância de ambos os conceitos para a existência humana, o presente artigo tem como objetivo pensar uma educação que tenha por fundamento a liberdade. E, para fundamentar uma educação que se pretenda libertária, esta pesquisa terá como fonte a filosofia existencialista de Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), nascido em 1905 em Paris, França. Estudou e ensinou filosofia nos liceus de *Le Havre* e em Paris. Foi convocado para o serviço militar e aprisionado na Alemanha. Tendo, pois, retornado da prisão, fundou um grupo de resistência intelectual, juntamente com Merleau-Ponty, intitulado Socialismo e Liberdade. Ao final de seu percurso de criação na existência, como filósofo engajado que era, realizou diversas viagens de cunho político, o que não limitou a sua atividade como filósofo, dramaturgo, ensaísta, romancista, conferencista e roteirista. Sartre registrou o seu pensamento filosófico em forma de romances, de teatros, de panfletos políticos e também em variadas obras de natureza puramente filosófica (ANTISERI, REALE, 2006). Não obstante ter escrito e abordado sobre vários temas e em diversos âmbitos, não encontramos no filósofo francês nenhum escrito que trate especificamente da educação. Apesar disso, faremos um exercício teórico de modo a pensar a educação a partir da filosofia da liberdade de Sartre que é, justamente, compreendê-la em um sentido singular: como formação libertária. Isto é, uma educação que tenha apenas como finalidade a formação do sujeito para o fazer-se constante na existência como ser livre.

O presente estudo está dividido em dois momentos. Na primeira sessão, serão abordadas as razões da liberdade ser tomada como fundamento da existência humana. E, na segunda sessão, tendo clara a concepção sartriana de liberdade, serão apontados os caminhos para se pensar uma educação que tenha por fundamento o ser livre.

A temática proposta neste estudo contribuirá para a compreensão de uma educação que valorize a característica principal do sujeito, **a sua liberdade**. Em uma sociedade em que se educa para a formação de rebanhos, é urgente pensar e considerar caminhos que possibilitem uma educação que contribua para a libertação e autonomia do indivíduo.

2 A LIBERDADE COMO ESTRUTURA ONTOLÓGICA

Na quarta parte da obra **O Ser e o Nada** (2007), Sartre aborda de modo profundo o conceito liberdade, tendo como ponto de partida o estudo da ação. Para o filósofo, a condição em que se funda o agir humano é a liberdade. Todavia, antes de qualquer asserção sobre o fazer do homem, é preciso realizar uma pergunta fundamental: **o que é liberdade?** De acordo com Sartre (2007), essa interrogação, em um primeiro momento, poderá se tornar inconcebível, pois, como será possível descrever algo, se, por finalidade, a descrição visa uma explicação de uma essência particular? “Encontramos análogas dificuldades ao querer descrever o ser do fenômeno e o nada. Mas elas não nos detiveram. Isso porque, com efeito, pode haver descrições que não visam a essência e sim o próprio existente” (SARTRE, 2007,



p. 541). Desse modo, ao afirmar que se encontrou dificuldades na descrição do ser do fenômeno e do nada, Sartre quis enfatizar que estes não possuem essência. Como seria possível descrever e explicar o fenômeno e o nada se estes não possuem essência? Houve, em um primeiro momento, impasses na descrição do fenômeno e do nada, por que estes, em si mesmos, não possuem uma realidade anterior e oculta. Contudo, esses impasses logo foram resolvidos, pois, conforme mencionado, para Sartre (2007), há descrições que visam não a essência, mas o existente. Para a filosofia existencialista de Sartre não existe uma essência dada ou uma realidade anterior que possa vir a ser: a existência precede e comanda a essência. De acordo com Donizetti:

Assim, “Que significa aqui dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define”. Explicando melhor, poderíamos perguntar qual é a essência de um objeto qualquer – e determinaríamos, com base na técnica para fazê-lo e no objetivo para o qual ele é feito, sua essência. Porém, o que responder sobre a essência do homem? Que ele é um “animal racional”? Que ele é “um animal político”? Que ele é uma “alma à imagem e semelhança de Deus que, todavia, está presa num corpo”? Qual dessas respostas daria conta da singularidade de cada um dos homens? Nenhuma delas é claro! Porém, como Sartre exemplifica, se perguntarmos sobre a essência de um livro, há uma receita para fazê-lo (escrever, editar, imprimir, publicar, ler). Esse é, em resumo, o que significa dizer que, no homem, a existência precede a essência; é também a origem do termo existencialismo. Mas há ainda uma possibilidade: e se Deus for considerado o artífice que “faz” o homem, comportando assim a essência humana? Sartre se adianta em afirmar-se ateu, e uma vez que a noção de Deus seja excluída, estamos de posse do sentido mais geral do existencialismo sartriano: Deus não faz o homem à sua imagem e semelhança, do que decorre que o homem simplesmente existe, tendo como sua essência aquilo que ele fizer dele mesmo. Chegamos assim ao núcleo do problema, afinal, uma vez que o homem não tem uma essência pré-determinada, mas “se escolhe” ao longo de sua vida, ele é livre. Noutros termos, o homem é “essencialmente livre” (SILVA, 2005, p. 178, grifo do autor).

O homem é livre por condição, sendo o ser que é o que é e não é o que é, está constrangido a apenas ser liberdade. Conforme Silva (1997), estando lançado na existência sem o seu próprio aval, o homem deverá assumir-se como existência, fazendo-se ser, sendo o que ele mesmo projetou ser e, ainda, sem poder contar com qualquer instância que esteja para além de sua própria condição. Assim sendo, o homem está condenado: “Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: **estou condenado a ser livre**” (SARTRE, 2007, p. 542, grifo nosso). Dessa maneira, o ser-para-si não poderá fugir de sua própria condição de liberdade, pois essa o obriga a se fazer a todo instante, conforme descreve o existencialista:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser [...] Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. **Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.** Se começássemos por conceber o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos até a borda. O homem não poderia ser ora

livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é (SARTRE, 2007, p. 543, grifo nosso).

Nesse sentido, Sartre versa sobre a liberdade de modo radical, o homem é liberdade em absoluto, mesmo quando se encontra diante de situações aparentemente determinadoras; ainda é livre. **O que fazer com aquilo que estão fazendo de mim?** A liberdade incondicionada que constitui o para-si lhe garante, também, a possibilidade de deliberar, isto é, escolher conscientemente o que fazer diante das situações em que está inserido.

2.1 LIBERDADE: ESCOLHA COSCIENTE DE SI

Assim, como a liberdade é idêntica ao ser-para-si, o homem é livre na mesma medida em que deve ser o seu próprio nada. É nessa perspectiva, de que a liberdade está relacionada de maneira intrínseca à realidade humana, que Sartre discorrerá sobre a escolha: “ser livre não significa apenas escolher. A escolha é considerada livre se for de tal ordem que houvesse podido ser outra” (SARTRE, 2007, p. 559).

Dessa forma, Sartre apresenta a deliberação humana como escolha original. Esta se refere ao fato de que quando o homem decide realizar um ato, ele não age simplesmente por motivos e móbeis, mas, quando escolhe, delibera na origem, ou seja, a escolha é anterior a toda motivação. Há, pois, uma escolha que ao inconsciente não se reduz. Pelo contrário, “a escolha coincide plenamente com a consciência que temos de nós mesmos [...] visto que não se distingue de nosso ser” (BORNHEIM, 2003, p. 113). Assim, as escolhas que a realidade humana realiza são plenamente conscientes, revelam tudo aquilo que é consciência nós, a escolha não se distingue do ser do homem.

Enfim, tudo aquilo que a realidade humana toma como valor para si mesma, o projeto de vida, o modo de ser no mundo, suas roupas e o modo de se vestir, a cidade em que vive, o que assume como parte da própria existência; tudo isso, todas essas circunstâncias, revelam sua escolha. E como a escolha é escolha consciente de si, e escolhendo eu me faço ser, todas essas situações e circunstâncias que foram escolhidas pela realidade humana nada mais são que a manifestação de seu ser, de sua liberdade original. Sartre discorre do tema do seguinte modo:

O valor das coisas, sua função instrumental, sua proximidade e seu afastamento reais (que não têm relação com sua proximidade e seu afastamento espaciais) nada mais fazem do que esboçar minha imagem, ou seja, minha escolha. Minhas roupas (uniforme ou terno, camisa engomada ou não), sejam desleixadas ou bem cuidadas, elegantes ou ordinárias, meu mobiliário, a rua onde moro, a cidade onde vivo, os livros que me rodeiam, os entretenimentos que me ocupam, tudo aquilo que é meu, ou seja, em última instância, o mundo de que tenho perpetuamente consciência - pelo menos a título de significação subentendida pelo objeto que vejo ou utilizo -, tudo me revela minha escolha, ou seja, meu ser (SARTRE, 2007, p. 570).

Compreende-se dessa forma que, segundo Bornheim (2003), o para-si está sempre e inteiramente presente a si mesmo, escolhendo no mundo as soluções para o problema do ser, isto é, as inquietações que surgem diante da existência humana. Assim, “o mundo, tal como o vemos, dá-nos a imagem do que somos: escolhendo-nos, escolhemos o mundo, não como um em-si que nos escapa, mas no seu verdadeiro significado” (SILVA, 1997, p. 89). A escolha derivada da liberdade do ser-para-si, demonstra que o mundo é a escolha que o

homem realiza. Sartre (2007) enfatizara que a escolha reserva ao para-si um comprometimento, ou seja, o homem é comprometido em sua escolha e tem a consciência de que a opção que outrora realizara poderá ser invertida, ser modificada:

Assim, estamos perpetuamente submetidos à ameaça da nadificação de nossa atual escolha, perpetuamente submetidos à ameaça de nos escolhermos - e, em consequência, nos tornarmos - outros que não este que somos. Somente pelo fato de que nossa escolha é absoluta, ela é frágil; ou seja, estabelecendo nossa liberdade por meio dela, estabelecemos ao mesmo tempo a possibilidade perpétua de que nossa escolha converta-se em um aquém preterificado por um além que serei (SARTRE, 2007, p. 572).

As escolhas que o para-si faz livremente nem sempre visam questões positivas, de modo que causem alegria àquele que escolhe. A escolha poderá ser efetuada em meio ao mal-estar, à fuga de determinadas situações, e poderá realizar-se na atitude de má-fé, quando o para-si escolhe, de modo frustrado, fugir de sua condição de liberdade. Assim sendo, o para-si tem a possibilidade de até mesmo não escolher, mas, esteja evidente, que toda escolha é escolha de seu ser (SARTRE, 2007). Em suma, a escolha se mostra como absurda, pois a ela não está associada há uma razão de ser e nem há um motivo. É absurda porque é escolha do ser sem ser seu fundamento. Nesse sentido:

Temos, como consequência, que ‘a liberdade é o fato de que a escolha termina sempre incondicionada’, decorrendo disso o absurdo da escolha. A liberdade é absurda porque é escolha de seu ser sem ser o seu fundamento; ela não tem razão de ser pois instaura toda razão de ser e todo fundamento (SILVA, 1997, p. 89, grifo do autor).

Nesta pesquisa, que busca pensar a educação a partir da filosofia sartriana, compreendeu-se que, até o presente estudo, que o ser livre é a condição da realidade humana. “Assim a liberdade é a razão da existência do ‘para-si’, se confundindo com o próprio modo de existir da realidade humana” (SILVA, 2013a, p. 100, grifo do autor). Essa liberdade, intrínseca à condição humana, se manifesta nas situações com que o homem se depara ao longo de sua existência, será a reflexão que se dará a seguir.

2.2 LIBERDADE SITUADA

No intuito de buscar caminhos para pensar a educação na filosofia de Sartre, apontou-se, nesta pesquisa, a condição existencial da realidade humana, ser livre. Nesse sentido, também evidenciou-se, neste estudo, que pela incondicional liberdade, o para-si escolhe no mundo se fazendo ser.

Todavia, a concepção sartriana de ser-livre, que concede ao homem a possibilidade de fazer-se ser e de escolher, não é concebida do mesmo modo pelo senso comum. Sartre (2007) enfatiza que contra a liberdade se apresentam diversos argumentos que têm por finalidade última anunciar à humanidade a sua impotência. Assim sendo, alguns desses argumentos ressaltam que o homem não é livre para modificar o destino de sua classe, os próprios hábitos e a família da qual nascera. Desse modo, o homem não surge no mundo como um ser para se fazer, mas surge na existência com uma essência dada, convidado a exercitar a ação nas malhas do determinismo. Enfim se encontra o homem, feito pelas realidades que estão ao entorno de si, desde a condição social até as influências da sociedade



em que vive. Esses argumentos nunca incomodaram os filósofos adeptos à liberdade humana: “Descartes, o primeiro deles, reconhecia ao mesmo tempo que a vontade é infinita e que é preciso dominar mais a nó: mesmo que a sorte” (SARTRE, 2007, p. 592). Sartre, ao abordar a liberdade de forma absoluta, não tem por objetivo esconder esses argumentos, porém quer afirmar que eles não são um limite para a liberdade³:

O coeficiente de adversidade das coisas, em particular; não pode constituir um argumento contra nossa liberdade, porque e por nós, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade. Determinado rochedo, que demonstra profunda resistência se pretendo removê-lo, será, ao contrário, preciosa ajuda se quero escalá-lo para contemplar a paisagem. Em si mesmo - se for sequer possível imaginar o que ele é em si mesmo -, o rochedo é neutro, ou seja, espera ser iluminado por um fim de modo a se manifestar como adversário ou auxiliar. Também só pode manifestar-se dessa ou daquela maneira no interior de um complexo-utensílio já estabelecido. Sem picaretas e ganchos, veredas já traçadas, técnica de escalagem, o rochedo não seria nem fácil nem difícil de escalar; a questão não seria colocada, e o rochedo não manteria relação de espécie alguma com a técnica do alpinismo (SARTRE, 2007, p. 592).

Trazendo à reflexão o exemplo do rochedo que se apresenta como empecilho para a contemplação de certa paisagem, Sartre (2007) quer com isso afirmar que as circunstâncias que aparecem como limites a liberdade, na verdade, se são caracterizados como limites, é porque assim o para-si o denominou. Diante de um em-si bruto, é nossa liberdade mesma que deve constituir previamente a moldura, a técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão manifestar-se como limites.

De certo, a liberdade na concepção sartriana manifestar-se-á em meio às circunstâncias da realidade do mundo, “[...] de forma que as resistências que o ato livre encontra nos entes, longe de lhe serem perigosas, permitem o próprio surto da liberdade” (BORNHEIM, 2003, p. 117). Nesse sentido, antes de se manifestar como um perigo para o ser livre, as circunstâncias e resistências que o para-si se depara são um estímulo para o pleno surgimento da liberdade. Dessa maneira, compreende-se que o homem exercerá a sua liberdade em meio aos determinismos do mundo, em um terreno situado.

Diante das coisas e das resistências do mundo, Sartre considera que o único conceito técnico de liberdade aceitável deverá ser o de **autonomia de escolha**. Todavia, trata-se de uma autonomia peculiar, pois, estranha no mundo, a escolha jamais está em suspensão, quer dizer, como algo para sempre: “aliás, identifica-se no fazer” (SILVA, 2013b, p. 122). Se a liberdade é caracterizada por Sartre como autonomia de escolha, esta é autônoma, e por meio desse ato livre, o homem escolhe os seus fins e lhes dá sentido. Dessa maneira, é louvável a questão descrita por Bornheim (2003), que diz: a autonomia da liberdade não conhece qualquer limite que a torne impotente? A resposta a tal interrogação é positiva na medida em que Sartre reconhece os limites externos da situação. Todavia, os limites externos não são um entrave para a liberdade humana, pois estão fora do projeto de ser do homem. Sartre entende por limites externos o nascimento e a morte, e os caracteriza como absurdez.

³ Na Crítica da Razão Dialética, Sartre reconheceu que a liberdade que é ontológica ao para-si estava alienada. Contudo, essa alienação provocada pelas estruturas e sistemas da sociedade, não são um limite à liberdade, apenas obscurecem a consciência humana a respeito de sua condição de ser-livre. Esse tema da alienação da liberdade será tratado na próxima sessão.



“Absurdo porque ambos são fatos contingentes [...] É absurdo que tenhamos nascido, como é absurdo que devamos morrer” (SILVA, 1997, p. 96). Nascimento e morte não podem se submeter a nadificação do para-si, como descreve o pensador:

Um dos dois fatores limitantes da liberdade: não sou livre para nascer e não sou livre para morrer. Mas como tudo na existência se passa entre o nascimento e a morte, estes não são limites exteriores da liberdade: não sou antes de meu nascimento e não serei depois da minha morte. Aí estão os dois extremos da facticidade, mas são limites internos: sou livre a partir do meu nascimento e não serei depois da minha morte. A contingência no seu sentido mais puro é dada nesses dois fatos; e a contingência nesse grau de pureza e originalidade é o absurdo. É tão absurdo nascer quanto morrer. Morrer não é um projeto; é a contingência-limite que determinará o fim de todos os projetos. Minha morte não me realiza, como o acorde final realiza a melodia. Essa contingência final não está entre as minhas possibilidades porque ela é a interrupção bruta do processo de ser possível (SILVA, 2004, p. 154).

Desse modo, nascimento e morte, acontecimentos da vida, não são limites para a liberdade, pois o homem é livre a partir de seu nascimento. Já a morte não encontra lugar para ela no projeto do para-si: “[...] ela se furta à possibilidade de ser enquadrada no projeto da liberdade original” (BORNHEIM, 2003, p. 120). Verifica-se que, ao trazer a reflexão filosófica da liberdade as situações extremas da existência humana, como o nascer e o morrer, Sartre, além de ressaltar que estas não são um obstáculo para a liberdade, eleva à máxima radicalização a autonomia do ser-livre.

Nessa perspectiva, não há condicionamento que dê conta da liberdade humana, pois o homem é livre para construir a sua existência. Embora contingente, o modo de existir desse ser é marcado por certa estrutura da qual não se elimina. Existe num corpo. Embora pudesse ser de outra forma, o fato é que se tem um corpo, diante do qual não há muito o que fazer. Esse elemento nos limita, nos constrange, no sentido de que coloca certa característica ao para-si que são insuperáveis, o corpo é assim, mas por ser corpo, este corpo implica que seja localizado em algum lugar. Implica em um enraizamento no mundo, em algum lugar. Mas o lugar aqui não é no sentido simplesmente espacial. O lugar no sentido de que se enraízam em situações, mas que os circunscrevem a um determinado cenário, em determinada situação. Isso tudo para dizer que a contingência do existir (não temos razão para existir), mas que somos em algum lugar (corpo, localiza, situa), em uma situação; uma vez que estou em uma situação, o que é essa situação também é contingência, não é necessária: qual é o meu local de pertencimento? Isso também é contingência. Isso é facticidade do para-si. A facticidade é o que permite o exercício da liberdade.

Assim sendo, o para-si exerce a sua condição de ser livre na facticidade, escolhendo e dando significado as situações. Essa escolha que o para-si faz de si é contingente, pois há sempre a possibilidade de escolher outra situação visando novos fins; haverá constantemente a possibilidade para um novo projeto de ser, como menciona Silva:

Será sempre a cada momento o que tiver escolhido ser sem que essa escolha por si mesma o comprometa com ser aquilo que escolheu. Em outras palavras, não se escolhe para além da própria escolha – e por isso ela é dotada de radicalidade. Portanto, o risco e a ameaça de não ser que rondam todas as escolhas do para-si provêm da sua liberdade. Nenhuma escolha decidirá sobre a própria liberdade, porque não posso escolher não ser livre. Assim, em toda escolha, permanece a liberdade de escolher diferentemente; de ter podido escolher diferentemente e de



poder vir a fazê-lo. Como nenhuma escolha consolida o meu ser, ou o ser que escolhi ser na contingência da situação, todas são igualmente revogáveis. Não há um sustentáculo que apoie a escolha feita e fundamente meu ser a partir de uma opção de ser. O nada constitutivo do para-si não pode fundamentar qualquer continuidade no ser. Para continuar sendo o que escolhi ser, é preciso renovar a cada momento o projeto de ser (SILVA, 2004, p. 144).

Escolhendo na contingência, dando significado às situações que se desvelam à liberdade, o para-si não só se faz deliberando como um ser livre em um terreno situado, bem como se torna responsável por si e pelos outros no mundo, em razão da condição de liberdade absoluta.

Sendo assim, tornando-se responsável por si e pelos outros, o homem traz em sua existência um peso de todo o mundo. A liberdade absoluta, que escapa a toda espécie de essência ou determinismos, conduz o para-si a um comprometimento tão absoluto como o próprio ser livre e, é sob o peso dessa responsabilidade que o para-si se angustiara, diante de tamanho comprometimento. Será, assim, a partir dessa noção, que Sartre compreenderá a liberdade como uma responsabilidade angustiante.

Sartre (2007) compreende por responsabilidade o significado corriqueiro do termo: é apreendida como a consciência de ser o artífice de determinado acontecimento. Nesse sentido, a responsabilidade é opressiva, pois o homem age fazendo o mundo e consequentemente se fazendo. Em todas as ações que por hora realizar, é ele mesmo o responsável por todas. Deverá assumir, assim, todos os acontecimentos derivados das escolhas que fizer, em razão do exercício da liberdade. Logo, não poderá a realidade humana destinar a própria responsabilidade a outras instâncias, como, por exemplo, a Deus, a natureza humana, o destino e as situações que circundam a existência. É ele, o para-si, o autor incontestável de sua própria história e dos acontecimentos: **responsável por tudo que fizer**. Dessa maneira, para Renaud:

As atitudes de fazer e ter expressam-se mediante os projetos singulares e concretos de um determinado para-si, e a liberdade, condição primordial da ação desse ser marcado pela ausência de essência e determinação, ou seja, marcado pelo nada, expõe à realidade humana a sua total responsabilidade por suas escolhas, já que, se, por um lado, a situação força o para-si a agir, por outro, a liberdade não o faz refém de nenhuma decisão específica, a liberdade desmonta qualquer determinação sobre o agir. O para-si tem de agir, mas sua ação será uma invenção, uma criação, totalmente desamparada do ponto de vista de um fundamento forte, definitivo, em-si. Assim, o para-si é absolutamente livre e responsável por sua situação, pois só a reconhece como coeficiente de adversidade ou facilitador de uma ação de acordo com o seu projeto fundamental de ser esta a única fonte de orientação para suas escolhas, que se constituem na forma de valores, mecanismos de avaliação da facticidade (RENAUD, 2013, p. 298).

Dessa forma, é inadmissível para o homem protestar diante dos fatos ocorridos em sua existência, pois não há um outro responsável, toda a ação e deliberação são frutos da própria liberdade que o constitui. Em suma, de acordo com Sartre (2007), o para-si, agindo de forma criativa e totalmente desamparado, assume a existência sem desculpas e incumbido nas escolhas. A realidade humana está abandonada no mundo, não como um objeto inerte, mas como um ser que se depara sozinho e sem ajuda, comprometido com o mundo e consigo mesmo. Portanto, se a liberdade é absoluta, esta tem por característica a responsabilidade angustiante:

A experiência da liberdade absoluta é a experiência da fragilidade absoluta. Para um ser absolutamente frágil, cujo ser não passa do desejo de ser, o absoluto não é repouso e estabilidade, mas antes alucinação e vertigem. Ter de escolher absolutamente a partir da mais absoluta fragilidade é o que faz da liberdade a origem da angústia (SILVA, 2004, p. 143).

Nesse sentido, a angústia surge na vida humana como um despertar da própria condição, assim como torna-o consciente da liberdade absoluta que há em si. “A liberdade de escolha é a liberdade de angústia de existir como projeto permanente rumo às próprias possibilidades, na construção do ser no mundo. Daí a angústia ser a consciência da própria liberdade” (SILVA, 2013a, p. 104). Dessa maneira, a angústia se manifesta porque as escolhas que o homem faz nada mais são do que possibilidades, para serem sustentadas é preciso a todo instante reafirmá-las (RENAUD, 2013).

Enfim, eis a liberdade do ser-para-si: não reivindica o que deve ser o homem, mas apenas mostra-lhe várias possibilidades para que escolha o que quiser ser. Como já mencionado, Sartre desconsidera uma definição para a realidade humana, mas se por conveniência se optar por uma definição: **a realidade humana é Liberdade**. Escolha, situação, responsabilidade e angústia. Várias faces presentes em uma mesma condição.

À luz dessas reflexões na próxima sessão buscar-se-á compreender como pensar a educação a partir da filosofia da liberdade como fundamento de uma educação libertária.

3 FORMAR PARA A LIBERDADE: TAREFA DA EDUCAÇÃO

Esta pesquisa, que tem por objetivo compreender como a filosofia da liberdade contribui para pensar uma educação que se pretende libertária apontou, até o momento, o núcleo da filosofia existencialista de Sartre. Isto é, sua concepção da realidade humana como liberdade. Este ser-livre, que define toda a condição do ser-para-si, o homem, confere-lhe a possibilidade de existir no mundo, fazendo-se ser a todo instante, sem que se apoie em qualquer instância que esteja para além de seu Nada de ser, para além da incondicional liberdade, como já fora mencionado neste estudo.

Pensar a educação em Sartre constitui-se uma tarefa exigente, pois o filósofo existencialista não se debruçou especificamente em suas obras a respeito do tema. Contudo, diversos estudiosos, pensadores, filósofos e pesquisadores como Geoge Kneller, Van Cleve Morris, Bonnie Burstow e tantos outros perceberam “[...] em Sartre a possibilidade de fundamentar uma educação ‘progressista’” (SILVA, 2005, p. 188, grifo do autor). Essa noção de ensino progressista coincide com a definição de educação libertária que essa pesquisa pretende associar a Sartre, isto é, um ensino que tenha por objetivo a progressão de um estado de inautenticidade, de um ser que não vive conscientemente a sua condição de ser livre, para a consciência de sua autonomia.

Pensar a educação à luz da filosofia da liberdade, significa compreendê-la em sentido específico: como formação libertária. Ou seja, um ensino-aprendizagem que conduza o estudante para a sua condição de ser livre e que, compreenda que todos os elementos que constituem a organização e a gestão escolar pressupõem uma escolha. Essa concepção de educação se confunde com a própria perspectiva filosófica de Sartre a respeito da liberdade, como menciona Santana:

Aproximar a educação do pensamento sartreano significa apresentá-la como sinônimo de liberdade, ambas em são um ato de conduzir o ser humano a algum lugar – a formação humana (educação) e a construção do ser (liberdade). Nesta perspectiva, a educação, trilhada pelos caminhos do pensamento sartreano, não tem uma definição, uma essência, mas consiste na própria existência, apresentando de maneira livre para escolher e se fazer através dos atos. Deste modo, a possibilidade de uma educação sartreana surge sem que haja uma definição a priori e sem propor um fim estabelecido (formação de um ideal), mas se manifesta por uma ação livre e sempre contínua. Ou seja, uma educação na liberdade para conduzir-se numa existência totalmente comprometida com a própria situação do ser-no-mundo; um processo educacional de nadificação do ser humano frente a si mesmo e ao mundo, projetando-se rumo aos próprios fins, às próprias possibilidades, para criar e ressignificar os sentidos que constituem a existência (SANTANA, 2010, p. 109, grifo do autor).

Nesse sentido, liberdade e educação se confundem. Pois, pensá-la a partir de Sartre é destinar a ela todas as características de ser-livre do ser-para-si. Ou seja, uma educação sem essência e que se faz na existência. Que convida a realidade humana para o fazer-se constante. É possível, assim, constatar, neste estudo, que uma educação alicerçada em Sartre, conduz o indivíduo à liberdade que é sua: **Mas, o homem que é livre por condição, não se sabe como ser de liberdade?** Silva esclarece essa questão do seguinte modo:

Na Crítica da razão dialética, Sartre mostra que os fundamentos de sua ontologia estão presentes na sociedade constituída; porém, houve um processo que exigiu que os homens cedessem sua liberdade e que, fazendo uso dessas liberdades, constituíram-se macro-estruturas, e que se formos falar de fundamentar a educação, será preciso levar em conta tal processo. Em resumo, **Sartre afirma que o homem é essencialmente livre, mas que em sociedade tal liberdade foi alienada, criando a bizarra situação na qual o indivíduo sozinho, não pode mais fazer uso de sua liberdade, uma vez que ela está esmagada pelas estruturas sociais que foram criadas** (SILVA, 2005, p. 191, grifo nosso).

A liberdade incondicionada, do ser-para-si, está alienada por um mundo que insiste em atrelar a sua realidade de ser livre nas malhas do determinismo. Isto é, da cultura, dos costumes, da religião da lei e das regras morais. E qual será o papel da educação, tomada como sinônimo de liberdade, diante dessa fatalidade? A resposta a tal questão dar-se-á no próximo passo deste estudo.

3.1 EDUCAÇÃO: UM CONVITE À LIBERDADE

A realidade humana exerce a sua liberdade em meio às situações, ou seja, existindo em meio às resistências do mundo. Como mencionado, a liberdade que é ontológica ao ser-para-si, ao homem, está alienada. Essa alienação deve-se ao fato de que os homens, muitas vezes, não possuem consciência de sua condição de ser autônomo. Na vida diária, poucos são aqueles que em algum momento de sua existência param para refletir a respeito da realidade individual ou coletiva (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014).

Nessa perspectiva, os homens, ao se lançarem na existência, não se colocam como um projeto de ser, mas a tomam como algo pronto, dado e acabado. Isto é, abraçam a existência não como de fato ela é, como liberdade, mas como uma realidade em que as regras

morais, as regras religiosas e a cultura estabelecem leis fixas para o cumprimento de cada existente.

É válido ressaltar que, nesse ambiente determinante, a educação também é atingida. Há diversas pedagogias de ensino que tornam a educação mais um mecanismo para que a realidade humana se lance nos condicionamentos. E o mais grave, através dessas pedagogias a realidade humana é preparada para viver tal realidade fatídica. Porém, elas devem incentivar o indivíduo para que ascenda desse ambiente determinante e tome consciência que nas resistências do mundo ele tem a possibilidade de exercer a sua liberdade, escolhendo a partir de seus critérios e da própria condição.

Uma dessas pedagogias condicionantes é o método tradicional de ensino. Nessa pedagogia, o professor é o detentor do conhecimento. Cabe a ele transmitir aos estudantes todo o saber por meio das aulas expositivas. Assim, o aluno é objetificado pelo sistema educacional, ou seja, não é valorizada a capacidade de criação e os conhecimentos que este venha a trazer para o universo escolar. Dessa maneira, o estudante não participa ativamente de sua formação, é um mero espectador. Apenas recebe passivamente o conhecimento do qual o detentor é o professor. E, assim, o homem, nesse ambiente, não possui a consciência de refletir sobre a possibilidade de criar os seus próprios valores ou de escolher a partir de sua própria liberdade os fins que pretende alcançar e os caminhos que pretende trilhar.

O papel da educação, nesse sentido, atrelada à liberdade sartriana, consistiria num caminho para que esse ser, que toma a existência de modo objetivo e irrefletido, a conscientizar-se da liberdade que é sua⁴, nas palavras dos estudiosos:

Diante de uma moral pré-estabelecida, o homem deve fazer uso de sua consciência reflexiva e através de sua liberdade, atribuir sentido aos valores existentes no mundo, e a partir do sentido atribuído, construir seus próprios valores morais e éticos (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 10).

Verifica-se que a proposta de educar e formar para a reflexão da própria existência torna-se um ato de libertação. Pois, como já supracitado, a liberdade confere ao para-si a possibilidade de habitar o mundo como projeto de ser e sem nenhum arcabouço que possa tolher tal autonomia. Contudo, essa prerrogativa de ser-livre dá-lhe também a tarefa de carregar sobre si o peso de todo um mundo, ou seja, as responsabilidades por tudo que escolher fazer de sua condição. Assim sendo:

O homem não deveria construir qualquer valor de forma irrefletida ou construir valores ao acaso, pois é responsável por suas escolhas, incluindo os valores que constrói. Porém, o existente pode construir esses valores ao acaso ou irrefletidamente, e até mesmo valores que possam ser julgados por outrem como imorais, sendo que ele é responsável por esses valores e pelas consequências desses valores. Ao estabelecer um valor, o homem está presente em uma realidade social e histórica, e ao afirmar seu valor para si, acaba afirmando-o também para toda a

⁴ Ao afirmar que essa liberdade é sua, quer se enfatizar, mais uma vez, que o ser-livre do homem é ontológico. “[...] **a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser**” (SARTRE, 2007, p. 543, grifo nosso).

humanidade e afetando a essa humanidade, sendo, portanto, responsável pelo valor que constrói e pelas consequências dessa construção individualmente e socialmente (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 10, grifo nosso).

Dessa maneira, é necessária a reflexão para que o homem tome consciência do valor e do alcance de sua autonomia. Frassan, Prina, Vieira (2014) atestam que o ser que existe no mundo de modo irrefletido é um ser inautêntico, a saber, não apreende o mundo situado como uma oportunidade de lançar-se como projeto de ser, mas como uma oportunidade de se determinar. “Este existente não possui consciência de sua liberdade e responsabilidade pela construção de valores e atribuição de sentido ao mundo (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 11). E para que esse ser ascenda dessa inautenticidade, será necessária uma conversão radical, como bem descreve Burstow:

A conversão radical é definida por Burstow (2000) como um processo por meio do qual o existente é conscientizado de sua liberdade e responsabilidade existencial. Este é um processo longo e complexo, por meio do qual o sujeito passa da inautenticidade à autenticidade. O existente, através desse processo, é levado a fazer uso de sua consciência reflexiva. “A conversão radical, em si, é uma conversão para fora desse estado. Para alcançá-la, a pessoa deve desenterrar a escolha fundamental que subjaz a todas as demais escolhas, ver sua inautenticidade, rejeitá-la e aceitar-se a si tal como é” (BURSTOW, 2000, apud FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 11, grifo do autor).

Tornar-se autêntico, dessa maneira, é reconhecer-se como liberdade; reconhecer-se como um existente que não possui qualquer essência ou natureza própria. E como se dará essa reflexão? Como a realidade humana que vive em um mundo determinante poderá tomar consciência dessa liberdade ontológica?

A partir do que foi exposto, conclui-se, então, que a educação fará esse papel de conscientização, por meio da mediação do professor. Este, imbuído da teoria existencialista de Sartre, formará o estudante para viver plenamente a sua liberdade na existência. E esse formar para a existência, consiste em evidenciar para o estudante o que ele é: “Um ser que não é seu próprio fundamento, um ser que, enquanto ser, poderia ser outro que não o que é, na medida em que não explica seu ser” (SARTRE, 2007, p. 128). Assim sendo, nesse processo de reconhecimento da liberdade, o professor, além de sinalizar para o estudante que sua realidade é marcada pela contingência, evidenciará para ele que a liberdade que é sua, dá-lhe a possibilidade de escolher. Não se trata, portanto, de uma escolha concreta, que sele o seu destino, ou mais precisamente a sua existência. Todavia, trata-se de uma escolha contingente, impregnada de possibilidades. Pois como afirmará o existencialista “[...] a escolha é considerada livre se for de tal ordem que houvesse podido ser outra” (SARTRE, 2007, p. 559).

Assim, afirmar a educação como formação do indivíduo para a autorreflexão de sua liberdade, na verdade, é convidá-lo a reconhecer todas as nuances de sua condição ontológica, de ser-livre. E o professor será o mediador dessa reflexão, apresentando ao estudante essa liberdade e enfatizando que esse ser-livre é exercido nas situações e nas resistências do mundo. Decerto, o professor é aquele que convida o:

[...] aluno a olhar para a sua situação, olhar para a realidade em que está inserido e extrair e inventar as possibilidades que se adequam ao seu projeto. A formação ética **também implica a reflexão do aluno sobre os diversos obstáculos que**

deverá ultrapassar para realizar aquilo que se propõe. Assim, o professor acaba por conduzir o aluno a transcendência, ou seja, o professor leva o aluno a compreender que seu projeto existencial é passível de realização devido a sua condição de liberdade, porém este precisa compreender que essa liberdade está diretamente relacionada a ação concreta, precisando o aluno agir para realizar-se (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 13, grifo nosso).

Nessa perspectiva, o professor também evidenciará para o estudante que, ao se lançar na existência como projeto de ser, encontrará obstáculos que não foram criados por si. Contudo, deverá estar ciente que “só pode haver Para-si livre enquanto comprometido em um mundo resistente” (SARTRE, 2007, p. 594). Dessa maneira, o processo educacional que conscientiza o estudante das resistências e obstáculos do mundo, é um processo engajado.

Pensar a educação à luz da filosofia sartriana da liberdade é compreendê-la como uma educação engajada. Assim sendo, também será tarefa do professor mediar os trabalhos de ensino e aprendizagem pela via concreta da existência. A educação não deverá ser apenas pura abstração teórica, mas terá de convidar os estudantes a buscarem constantemente a experiência existencial. Essa experiência existencial se refere ao fato de mediar o indivíduo para que crie sentidos, significados e escolha a partir de sua situação concreta. “Uma educação de situações constrói-se na liberdade de inventar os próprios caminhos (práticas, estratégias, projetos educacionais), e assim inventa uma maneira de ser e agir, fazendo seus atores totalmente engajados e responsáveis pelos próprios atos” (SANTANA, 2010, p. 127, grifo do autor).

Ao se pensar um processo educacional engajado na situação concreta do estudante, não se pretende aqui, menosprezar o ensino cultural e acadêmico, o uso dos livros, mas, sobretudo quer-se afirmar que a educação na liberdade deve se comprometer com a realidade em que o estudante está inserido, ou seja, pisar no solo da sua existência, convidar os estudantes a criarem sentido, escolher, responsabilizar-se e superar as resistências e obstáculos que possam se apresentar em suas vidas, (SANTANA, 2010).

Eis a contribuição da filosofia da liberdade ao meio educacional. Sim, é possível fundamentar uma educação em Sartre, e essa educação deverá primar sempre pela libertação dos indivíduos. Enfim, pensar a educação na perspectiva filosófica de Sartre é compreendê-la como um processo de livre criação, de abertura para o novo a todo instante, como declara o estudioso:

Trata-se de uma educação que se volta para o âmbito da livre criação do novo a todo o momento, pois a consequência dessa ação, independentemente de ser boa ou ruim, não pode ser critério para novas ações. Trata-se sempre de um inventar (o novo) frente às inúmeras disposições a serem tomados pelos existentes (educador – educando) em meio à própria situação. Esta invenção se processa pelas escolhas e se realiza pelos atos, fazendo com que a escolha nunca seja feita de maneira deliberada, pois ela se identifica com a consciência, enquanto vazia de qualquer conteúdo. Assim, a educação deve proporcionar ao existente a possibilidade de fazer escolhas e conseqüentemente criar-se diante da situação existencial que se encontra. Esta perspectiva faz com que a educação seja sempre flexível e adaptável à liberdade da realidade humana em meio às condições e aos desafios existenciais em que ela está inserida (SANTANA, 2010, p. 109).

Em suma, a educação fundamentada em Sartre possui a tarefa de auxiliar a realidade humana a construir seu ser, a atuar no mundo de modo espontâneo, tendo sempre a consciência da magnitude de sua liberdade. Esse será o papel da educação em qualquer

instância em que se apresentar: nas instituições de ensino, nos espaços públicos ou particulares. Enfim, toda a forma de educar que se apoie na magistral filosofia da liberdade sartriana estará formando e conduzindo existencialmente o para-si para a sua libertação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser livre implica não simplesmente em poder agir espontaneamente, conforme a própria vontade e segundo o poder da própria autonomia. Ser livre significa abraçar a existência como uma oportunidade de se construir enquanto projeto de ser.

Através da filosofia existencialista de Sartre, este estudo demonstrou que a liberdade não está fora do alcance da existência humana, mas a constitui. **O ser do homem é liberdade.** Nesse sentido, percebeu-se que o homem surge no mundo sem qualquer essência anterior que possa defini-lo. Ele, o para-si, caracterizado assim por Sartre em sua ontologia fenomenológica, é um existente que se faz no mundo a partir de seu Nada de ser. E esse Nada, que invade toda a realidade humana, é a própria liberdade. Que garante ao para-si a possibilidade de fazer escolhas, em meios as situações do mundo, tornando-se assim, responsável por si e por todos.

Nessa perspectiva, ao pensar a educação a partir da filosofia da liberdade, este estudo demonstrou que todas as características inerentes à liberdade sartriana, também são atribuídos à educação. Por isso, o processo educacional deverá ser compreendido como uma reflexão que conduza o aluno para o fazer-se constante na existência como um livre projeto, podendo, assim, pela liberdade, superar todos os obstáculos e resistências que possam surgir diante de si. Uma educação que se pretenda libertária conduz o existente para a conscientização de sua própria condição, para que longe de quaisquer determinismos estabelecidos na sociedade, no mundo situado em que vive, ele se saiba como um ser que escolhe o quer fazer diante das facticidades e é responsável por aquilo que se torna.

Desse modo, conforme todo o exposto, conclui-se que uma educação libertária contribui ainda mais para que, na sociedade, haja sujeitos mais pensantes, mais críticos e mais conscientes da magnitude de sua condição existencial, **de ser-livre.**

Enfim, a proposta deste estudo não é encerrar as discussões educacionais à luz da reflexão filosófica de Sartre, mas, apontar caminhos que tornem a educação um meio de despertar a consciência humana sobre a importância de sua condição existencial, qual seja, a de ser livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **Filosofia:** idade moderna. 2. ed. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre:** metafísica e existencialismo. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FRASSAN, Guilherme Henrique; PRINA, Rafael Oliveira; VIEIRA, Jorge Antônio. A Construção de Valores e Liberdade: a educação como processo de reflexão moral e existencial segundo Sartre. **Revista Akrópolis**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 3-15, 2014.

Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/5564>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

RENAUD, Vinicius Loureiro. O Conceito de “Liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser. **Revista Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.4, n. 8, p. 294-300, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6297>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

SANTANA, Marcos Ribeiro de. **Educação às moscas**: cenário para uma educação de situações em Jean-Paul Sartre. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251406>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 15. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogênese**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 93-107, 2013a. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SILVA, Anderson Lima da. Considerações sobre a noção de “situação” em o ser e o nada. **Revista Kínesis**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 120-131. dez. 2013b. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4536/3342>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Cléa Góis e. **Liberdade e Consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: Uel, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e Literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Unesp. 2004.

SILVA, Luciano Donizetti da. Existencialismo e Educação: a filosofia sartriana da liberdade como fundamento pedagógico? **Revista Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 4, p. 175-200, 2005. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3175>>. Acesso em: 4 set. 2021.